



Pequena Antologia de Poemas Portugueses
A Little Anthology of Portuguese Poems

PAÍS *de* POETAS
A LAND *of* POETS

Pequena Antologia de Poemas Portugueses
A Little Anthology of Portuguese Poems



PREFÁCIO

Como podemos nós concentrar em tão poucas páginas uma tão longa história? A poesia portuguesa, como registo escrito, tem 800 anos, e a sua história é quase uma história milenar.

Era uma vez, uma poesia que só pensava em ser música. E por isso se pensou, durante muito tempo, que Portugal não tinha tido poesia durante os primeiros séculos. A poesia portuguesa teve de ser descoberta por ouvidos que vinham de fora, do estrangeiro. Foram os estrangeiros talvez os primeiros a reconhecer a música que havia na poesia portuguesa... É bom não saber português para ouvir um grito (ai!) como se fosse a primeira vez que alguém pedisse às flores notícias de quem nos traiu: “Se sabedes novas do meu amigo,/ aquel que mentiu do que pôs comigo!/ Ai Deus, e u é?”... Ou para sentir a voz de quem ama teimar nos mesmos sons quando o corpo não quer partir: “Partem tão tristes os tristes,/ tão fora d’esperar bem,/ que nunca tão tristes vistes”... Ou saber de cor até se confundir connosco um verso de Fernando Pessoa. Como, por exemplo, aquele verso que diz: “Para ser grande, sê inteiro...”: é um verso que se deve saber de cor, ignorando-se a grandeza do que diz...

Daí a dificuldade em traduzir a ondulação rítmica do “Ay eu coitada, como vivo en gran coidado” de uma cantiga de amigo; ou a sonoridade geométrica de quem se não consegue definir e escreve como se o verso se visse ao espelho: “comigo me desavim”.

Por tudo isto, este livro é para ti. Tem o tamanho de uma mão para que ande sempre contigo, ainda quando partires.

Maria Luisa Malato

P R E F A C E

How can we tell so long a story in so few pages? Portuguese poetry, in its written form, is eight hundred years old. Its history goes back nearly a millenium.

Once upon a time, there was a form of poetry that wanted to be music. So, for a long time people believed that no poetry had been written in Portugal in the first few centuries of its existence. Portuguese poetry as such was to be discovered by foreign ears. Foreigners were perhaps the first to hear the melody underlying the poems written in Portugal. Having no knowledge of Portuguese is a good thing if you want to get to know Portuguese poetry. You do not need to know the language to understand the sad cry (O!) of someone who asks the flowers about her lover who had betrayed her: “Se sabedes novas do meu amigo,/ aquele que mentiu do que pôs comigo! Ai Deus, e u é?” ... (“If you have news of my friend,/ who lied to me and did pretend! O God, and where is he?”)... Or to hear the voice of a lover who repeats the same sounds when his body refuses to part with his beloved: “Partem tão tristes os tristes,/ tão fora de esperar bem,/ que nunca tão tristes vistes” (My sad eyes depart so sadly,/ Happiness expecting none,/ No sadder eyes could you see.)... Or to learn by heart – and soul – a line by Fernando Pessoa. For instance, in order “To be great be whole...”: here is a line you should know by heart, even though you may ignore the greatness of what is said...

This is what makes it so difficult to translate the rhythmic undulation of a song such as “Ay eu coitada, como vivo em gran cuidado” (*Ah, poor me, how I worry for thee*); or the geometric sonority of someone who is unable to define himself, someone who writes poetry as if each line were reflected in a mirror: “I fell out with myself”.

For all these reasons, this book is for you. It is the size of your hand, and will keep you company – always – even after you go back home.

Translated by Ana-Maria Chaves



D. Dinis
(1261-1326)

AI FLORES DO VERDE PINO

- Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!

Ai Deus, e u é?

Ai, flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!

Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo!

Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado
aquele que mentiu do que mi ha jurado!

Ai Deus, e u é?

- Vós me preguntades polo voss'amigo,
e eu ben vos digo que é san'e vivo.

Ai Deus, e u é?

Vós me preguntades polo voss'amado,
e eu ben vos digo que é viv'e sano.

Ai Deus, e u é?



OH FLOWERS ON THE GREEN PINE TREE

- Oh flowers, oh flowers on the green pine tree,
if you have news of my friend, tell me!
Oh Lord, where is he?

Oh flowers, oh flowers on the green bough,
if you have news of my lover, tell me now!
Oh Lord, where is he?

If you have news of my friend,
who lied to me and did pretend!
Oh Lord, where is he?

If you have news of my lover now,
who lied to me and broke his vow!
Oh Lord, where is he?

- You ask me about your friend,
and I tell you he's alive 'n content.
Oh Lord, where is he?

You ask me about your lover,
and I tell you he's alive 'n in clover.
Oh Lord, where is he?



Fernando Pessoa

AUTOPSILOGRAFIA

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.



AUTOPSYCOGRAPHY

The poet is one who feigns.
And he feigns so completely
He can even feign as pain
The pain that he feels so deeply.

And those who read his verse,
Take the read pain as real -
Not the two he has nursed,
Just the one they do not feel.

So round and round the tracks,
Mind-entertaining, it darts,
The little wind-up toy train
Which is called a heart.

Translated by Ana-Maria Chaves